

1er Congreso de la Red de Investigación sobre Trabajo del Hogar en América Latina

26 – 28 março 2022

A Red de Investigación sobre Trabajo del Hogar en América Latina convida pesquisadoras/es e estudantes (graduação e pós-graduação), ativistas e sindicalistas a participarem do 1º Congresso da **RITHAL** que acontecerá entre os dias 26 a 28 de março de 2022, na modalidade virtual.

A **RITHAL** nasceu em 2017 com o objetivo de criar uma rede e estabelecer espaços de diálogo e intercâmbio entre pesquisadoras/es e estudantes do tema "trabalho doméstico" em diferentes países da América Latina, que conta atualmente com 125 participantes. O congresso será uma grande oportunidade de estreitar os laços da rede e agregar mais investigadoras/es para estudar o tema.

Nesse primeiro evento, temos como objetivo refletir sobre os caminhos analíticos do campo desde a publicação de *"Muchachas No More: household workers in Latin America and the Caribbean"*, em 1986 – obra organizada por Elsa Chaney e Mary Garcia Castro – que se constituiu, desde então, como marco para os estudos do campo. Em 1996 a coletânea foi publicada em espanhol *"Muchacha, cachifa, criada, empleada, empregadinha, sirvienta... y nada más: trabajadoras del hogar en América Latina y el Caribe"*.

Eixo Temático 1: 10 anos da Convenção 189. Em que situação se encontram os direitos das trabalhadoras domésticas?

Coordenação: Lorena Poblete (CONICET-IDAES/UNSAM) e Romina Lerussi (CONICET-CIFFYH/UNC)

Em junho de 2011, a Organização Internacional do Trabalho aprovou a Convenção 189 e a Recomendação 201 a fim de estabelecer um quadro jurídico para o reconhecimento dos direitos trabalhistas e da segurança social para trabalhadoras domésticas remuneradas. O acordo destacou dois aspectos fundamentais. De um lado, a urgência de se estabelecer um marco regulatório internacional para um setor historicamente negligenciado e negado em sua condição de emprego. Por outro lado, a necessidade de proteger as trabalhadoras que se encontram em situação de crescente vulnerabilidade, à saber, menores de idade, trabalhadoras migrantes e racializadas.

Na América Latina, a Convenção 189 se tornou um catalisador para as reformas regulatórias que começaram na virada do século, graças ao ativismo de grupos e

sindicatos de trabalhadoras domésticas, estabelecendo algumas alianças com outros setores sindicais e movimentos sociais – como o movimento de mulheres e de direitos humanos – e as contribuições de acadêmicas/os e agentes do Estado comprometidas/os com o setor. Desde 2011, quase todos os países da região avançaram no reconhecimento de direitos ratificados pela Convenção 189 e, consequentemente, pela adaptação de regimes regulatórios previstos para este setor, seja por meio de estatutos especiais, seja pela inclusão nas constituições que o regulam as relações de trabalho típicas (ou de dependência trabalhista). Isso significou, por sua vez, uma ampla inclusão (com variações locais) de mecanismos para a implementação de estratégias de comunicação mais eficazes, dirigidos às trabalhadoras, aos empregadores e à sociedade em seu conjunto, com vista à regulamentação das relações de trabalho deste setor, como elemento fundamental para o gozo pleno dos direitos trabalhistas.

Nesse contexto, dez anos após a aprovação da Convenção 189, as propostas que forem submetidas para debate nesta perspectiva, devem buscar refletir sobre os seguintes pontos:

- os efeitos da Convenção 189 sobre as reformas jurídicas estabelecidas nos diferentes países que a ratificaram;
- as formas como se busca aprofundar o cumprimento das normas em cada localidade, tanto das estratégias das trabalhadoras organizadas e demais atores sindicais, ativistas e da academia, quanto dos mecanismos estatais previstos para o caso;
- conflitos e acordos entre diferentes atores sociais que participaram das reformas regulatórias (sindicatos e associações de trabalhadoras, legisladoras/es, associações civis, etc.); análise crítica e suas implicações para os Estados que não ratificaram a Convenção, ou que a ratificaram, mas ainda não adaptaram seus regulamentos internos;
- as debilidades pendentes nas regulamentações estatais, tanto nas normativas constitucionais, como na sua regulamentação e, sobretudo, na efetiva aplicação, fiscalização e gozo dos plenos direitos trabalhistas de acordo com os marcos;
- os problemas e desafios atuais do setor de trabalhadoras domésticas em termos de organização coletiva (incluindo acordos coletivos);
- articulações sindicais e ativistas, bem como participação do Estado.

Eixos Temáticos: **Representações culturais do trabalho doméstico**

Coordenação: Jorgelina Loza (CONICET - UBA / IIGG), Lucía Campanella (Udelar) , Leda Pérez (UP) e Mónica Patricia Toledo-González (UATx)

Desde a publicação de "Muchachas No More" em 1989, o campo de estudo sobre o trabalho em casa de terceiros na América Latina e no Caribe se diversificou, incluindo uma pluralidade de pontos de vista e posições. Existe uma vasta literatura que aborda as representações culturais do trabalho e das trabalhadoras domésticas em diferentes produções culturais (Gregorio, 2007; Pires e Silveira, 2009; Durin e Vázquez, 2013; Nuñez, 2015; Ugarte, 2017; Rossi e Campanella, 2018; Rossi, 2020) e que integram questões como a feminização deste emprego, a precarização do trabalho, a articulação entre os processos de gênero, classe, etnia e racialização, assimetria e relações de poder em um espaço íntimo, os processos de organização e resistência, entre outros.

Nos últimos anos, surgiram estudos que analisaram as representações de mulheres inseridas nesta atividade de trabalho, por exemplo, em novelas, séries, literatura, espetáculos artísticos. Obras cinematográficas como "Roma" (Cuarón, 2018), vencedora do Oscar, têm gerado debates sobre a representação da protagonista e as contrações realizadas pela classe média.

Nesse Eixo Temático, são bem-vindos trabalhos que analisam representações culturais desse setor de trabalho como produção artística, performances, obras literárias, plásticas, cinematográficas, entre outras. Também aqueles que dão conta dos produtos culturais criados pelas próprias trabalhadoras, na sua autorrepresentação e ativismo, bem como os trabalhos desenvolvidos em coordenação com a academia ou a sociedade civil.

As principais questões que articulam esta trilha são:

- Quais são as novas arestas que estão surgindo sobre este assunto na pesquisa acadêmica latino-americana?
- Que experiências interdisciplinares podemos destacar e o que podemos aprender com elas no futuro?
- Que representações sobre a sua vida e trabalho, as mensagens produzidas pelas trabalhadoras domésticas transmitem?
- Que vinculações podemos traçar entre essas representações e as condições de trabalho das trabalhadoras domésticas?

Track 3: Movimento organizado de trabalhadores domésticos: suas lutas, ações e autorrepresentações

Coordenação: Carmen Cruz (Conlactraho), Luísa Dantas (UFPA), Louisa Acciari (UCL) e Maria Noeli dos Santos (Sindicato dos trabalhadores domésticos do município do Rio de Janeiro)

As trabalhadoras domésticas estão organizadas na América Latina desde o início do século XX, primeiramente sob a forma de associações, e a partir da década de 1980, com mudanças na legislação em nível nacional e avanços em seus

direitos, em sindicatos laborais. Em 1988, representantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Costa Rica e Guatemala reuniram-se em Bogotá para formar a Confederação Latino-Americana e Caribenha de Trabalhadoras Domésticas (CONLACTRAHO), a primeira confederação regional do setor, e ainda hoje, uma das redes de trabalhadoras domésticas mais fortes do mundo. A formação da CONLACTRAHO se apoia em décadas de militância das trabalhadoras, assim como a marcante presença delas no Congresso Anual da LASA (1986), junto com as pesquisadoras Mary Garcia Castro e Elsa Chaney. Essa parceria levaria à publicação do livro-marco "Muchachas No More" (1989), no qual as representantes do movimento tiveram capítulos de sua autoria. Seguindo o caminho aberto por Muchachas, este Eixo Temático propõe a continuidade do diálogo entre as organizações representativas de trabalhadoras domésticas na América Latina e o meio acadêmico, no qual se possa refletir sobre as mudanças ocorridas nos últimos 30 anos. Queremos construir um espaço de troca de conhecimentos e experiências, buscando aproximar e fortalecer a solidariedade entre os dois espaços. Desde a publicação do livro, o movimento se fortaleceu, mais países integraram a CONLACTRAHO, reformas trabalhistas e ampliação de direitos foram conquistados em quase todo o continente e, em 2011, foi aprovada a Convenção 189 da OIT, que visa garantir o trabalho decente para as trabalhadoras domésticas. Por outro lado, a América Latina sofreu recentemente grandes retrocessos em termos de direitos trabalhistas, bem como na igualdade de gênero e raça, na medida em que governos conservadores ameaçam os avanços legislativos. Além disso, desde março de 2020, a pandemia da Covid-19 criou um cenário de dificuldades extremas para trabalhadoras domésticas e suas organizações representativas, lutando para sobreviver em meio a uma crise sem precedentes.

Assim, algumas das questões que este Eixo Temático propõe são:

- Quais são os avanços e retrocessos do movimento organizado das trabalhadoras domésticas desde *Muchachas no More*?
- Como e por que as trabalhadoras se organizam? Quais são suas formas de atuação e suas demandas?
- As relações entre o movimento sindical e o mundo acadêmico mudaram? Quais apoios e formas de solidariedade são estabelecidos?

Incentivamos apresentações mistas entre pesquisadoras/es e representantes do movimento sindical, assim como trabalhos individuais de sindicalistas. Convidamos apresentações de formatos variados (escrita, orais, audiovisuais, etc.) que favoreçam a coprodução e o encontro de saberes. As apresentações podem focar um caso particular, uma organização ou um país, ou então olhar para o nível regional ou sub-regional. Esperamos criatividade e solidariedade!

✿ Tema 4: Perspectivas contemporâneas e históricas sobre as desigualdades no trabalho doméstico

Coordenação: Erynn Massi de Casanova (UC) e Lucas Torres (CONICET-INDES-UNSE)

O trabalho doméstico remunerado (serviço doméstico) tem sido historicamente invisível na sociedade, bem como na academia. No entanto, podemos perceber que desde o início dos anos 2000 até hoje, que o trabalho doméstico remunerado tem despertado o interesse de estudiosos que o analisam sob diferentes perspectivas. Para mencionar apenas algumas das contribuições, poderíamos citar análises sobre a desigualdade do trabalho em termos de condições de trabalho, como precariedade e informalidade; perspectivas que enfocam as desigualdades sociais dentro e entre os gêneros; estudos de cuidados, emoções e trabalho; estudos jurídicos de legislação e normas relacionadas ao setor; e pesquisa histórica. Esses estudos mostram que a falta de organização massiva desse setor se deve às características particulares da ocupação, como a dispersão dos locais de trabalho e o isolamento dentro das residências dos empregadores, além do peso da informalidade, da heterogeneidade das condições de trabalho e dos trabalhadores, além da relutância em se identificar com um tipo de emprego fortemente estigmatizado. Além disso, pesquisas sobre as complicadas relações entre trabalhadores e empregadores têm avançado em conhecimento sobre essa ocupação e sobre as famílias.

A pesquisa até o momento demonstra barreiras interseccionais, ou seja, a forma como as desigualdades de gênero interage com as desigualdades de classe e raça. O trabalho doméstico continua empregando mulheres desfavorecidas, o que fortalece a relação hierárquica entre mulheres de diferentes classes, dependendo do contexto local, entre populações brancas e indígenas ou negras.

Nesta via, procuramos reunir estudos sobre as problemáticas e dinâmicas únicas que predominam neste setor ocupacional.

✿ Oficinas de Desenvolvimento Profissional para Pesquisadores Emergentes

Como parte do Congresso, oferecemos experiências coletivas de desenvolvimento profissional para pesquisadores emergentes.

Definimos “pesquisadoras/es emergentes” como pessoas que estão cursando a universidade, seja graduação ou pós-graduação (mestrado, doutorado) e incluímos também aqueles que concluíram o mestrado / doutorado desde 2016.

Pesquisadoras/es emergentes podem propor trabalhos para este Eixo Temático, que serão agrupados em painéis, e / ou podem se inscrever para os seguintes workshops de desenvolvimento profissional:

✿ **Oficina 1:** Como transformar sua tese em um livro

✿ **Oficina 2:** Networking para pesquisadores emergentes

➤ **Oficina 3:** *Como publicar um artigo em uma revista acadêmica*

➤ **Oficina 4:** *Onde fazer uma pós-graduação na América Latina*

Modo de participação

➤ **Apresentações individuais**

As propostas podem incluir pesquisas (em andamento ou publicadas), bem como experiências de ativistas e organizações de trabalhadoras domésticas.

As propostas devem conter: **título; nome; instituição de filiação das autoras/es; e-mail; resumo de no máximo 300 palavras.**

As propostas individuais aprovadas serão organizadas em painéis pelas coordenadoras dos Eixos Temáticos.

Podem enviar propostas estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadoras/es, doutoras/es, ativistas e sindicalistas.

➤ **Propostas de painel**

Os painéis devem incluir: **título; nome das/os organizadoras/es (no máximo dois) e filiação institucional; comentaristas (opcional); breve apresentação do painel (150 palavras); 3 a 5 resumos (máximo 300 palavras) acompanhado do nome das/os autoras/es, filiação institucional e e-mail.**

Os painéis devem conter, obrigatoriamente, uma pessoa com doutorado ou uma sindicalista ou uma ativista.

➤ **Propostas de mesa redonda**

As mesas redondas têm por objetivo gerar um espaço de discussão em torno de um tema específico, não em formato de papers, mas fomentar debates sugeridos pelas/os proponentes. As mesas podem contar com 3 a 5 participantes.

A apresentação da proposta deve incluir: **título; nome do/a organizador/a e das/os participantes; filiação institucional; resumo da apresentação com até 150 palavras.**

As mesas redondas devem conter, obrigatoriamente, uma pessoa com doutorado ou uma sindicalista ou uma ativista.

➤ **Conversas em torno de publicações ou produtos culturais**

As discussões podem ser feitas em torno de livros, coletâneas, dossiês ou produto cultural (filmes, novelas, obras de arte, séries, etc.), publicados nos

últimos três anos sobre o tema "trabalho doméstico". As propostas devem incluir: **a referência do livro que será apresentado; nomes e instituições das comentadoras e comentadores; e-mails.**

A dinâmica da discussão fica a cargo de quem apresenta a proposta.

Podem enviar propostas estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadoras/es, doutoras/es, ativistas e sindicalistas.

Todas as propostas podem ser enviadas em **espanhol, português e inglês**. Contudo, nesse momento, não garantimos mecanismos de tradução do inglês durante os dias do evento.

 **As propostas devem ser enviadas até 31 de outubro.**

Datas importantes

31.10.2021 • Envio de propostas

01.12.2021 • Notificação de aceitação

15.02.2022 • Envio de artigos

01.02.2022 • Registro antecipado

20.03.2022 • Registro geral

Inscrição Antecipada (até 1º de fevereiro de 2022)

Participantes de países latinoamericanos

Professores e investigadores	US\$ 20
Estudantes (graduação e pós-graduação)	US\$ 5
Ativistas e sindicalistas	-
Ouvinte	US\$ 10

Participantes de outros países

Professores e investigadores	US\$ 40
Estudantes (graduação e pós-graduação)	US\$ 10
Ativistas e sindicalistas	-
Ouvinte	US\$ 15

Inscrição Geral (Até 20 de março de 2022)

Participantes de países latinoamericanos

Professoras/es e investigadoras/es	US\$ 40
Estudantes (graduação e pós-graduação)	US\$ 10
Ativistas e sindicalistas	-
Ouvintes	US\$ 15

Participantes de outros países

Professoras/es e investigadoras/es	US\$ 60
Estudantes (graduação e pós-graduação)	US\$ 20
Ativistas e sindicalistas	-
Ouvintes	US\$ 25



A organização do 1º Congresso **RITHAL** conta com o apoio de:



Departamento de
Ciências Sociais
UFSM



PPGCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS SOCIAIS | UFSM

THEMIS
GÊNERO JUSTIÇA
DIREITOS HUMANOS

COLETIVO
micra
MÍDIA, IDENTIDADE, CULTURA E ARTE